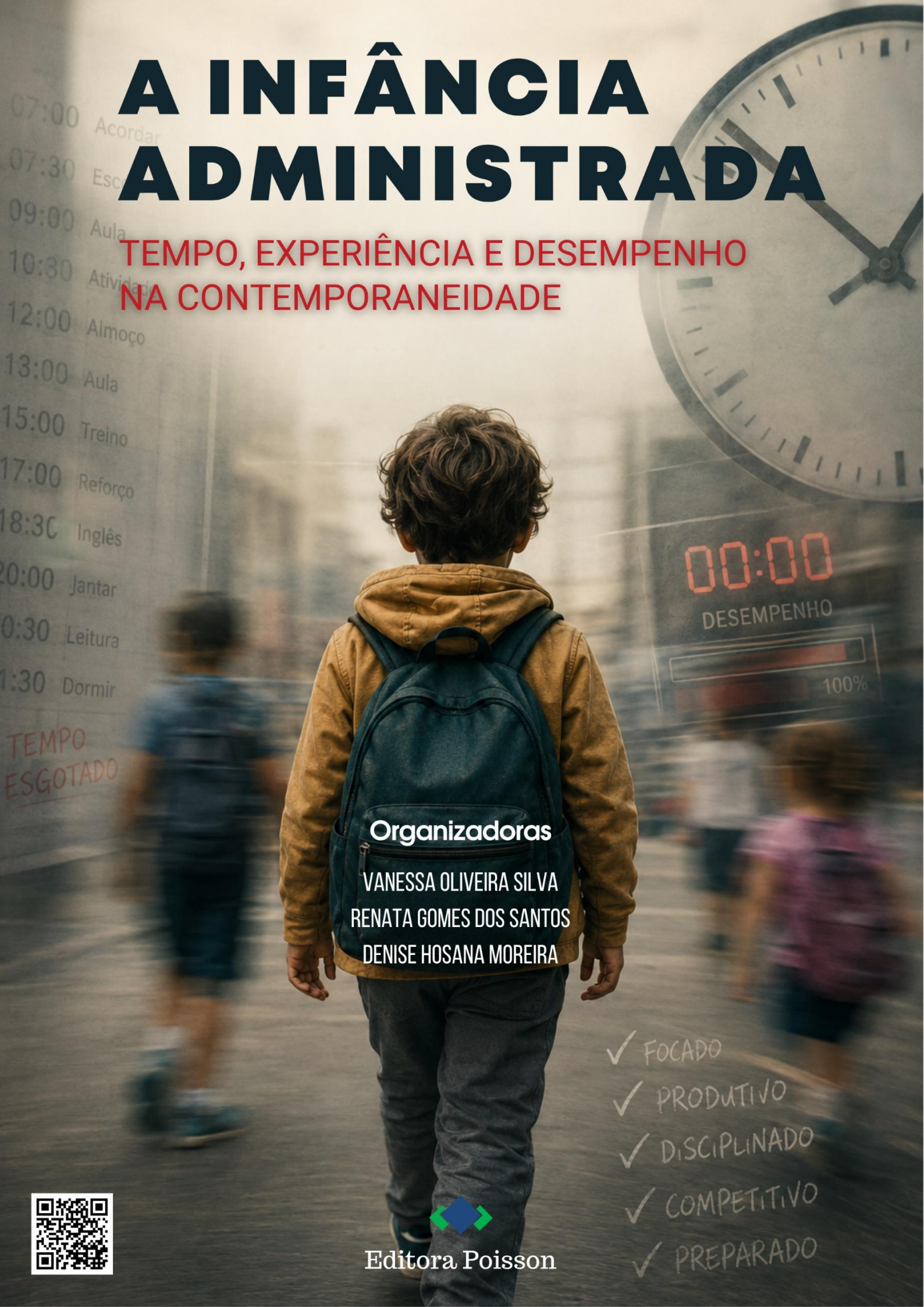
A INFÂNCIA ADMINISTRADA

TEMPO, EXPERIÊNCIA E DESEMPENHO NA CONTEMPORANEIDADE



Organizadoras

VANESSA OLIVEIRA SILVA

RENATA GOMES DOS SANTOS

DENISE HOSANA MOREIRA

Editora Poisson

Vanessa Oliveira Silva
Renata Gomes dos Santos
Denise Hosana Moreira

A infância administrada
Tempo, experiência e desempenho na contemporaneidade

1ª Edição

Belo Horizonte
Editora Poisson
2026

Editor Chefe: Dr. Darly Fernando Andrade

Conselho Editorial

Dr. Antônio Artur de Souza – Universidade Federal de Minas Gerais
MSc. Davilson Eduardo Andrade
Dra. Elizângela de Jesus Oliveira – Universidade Federal do Amazonas
MSc. Fabiane dos Santos
Dr. José Eduardo Ferreira Lopes – Universidade Federal de Uberlândia
Dr. Otaviano Francisco Neves – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
Dr. Luiz Cláudio de Lima – Universidade FUMEC
Dr. Nelson Ferreira Filho – Faculdades Kennedy
MSc. Valdiney Alves de Oliveira – Universidade Federal de Uberlândia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586a
A infância administrada :Tempo, experiência e desempenho na contemporaneidade / Vanessa Oliveira Silva, Renata Gomes dos Santos, Denise Hosana Moreira – Belo Horizonte MG: Editora Poisson, 2026. 44 p.

Formato: PDF
ISBN: 978-65-5866-670-7
DOI: 10.36229/978-65-5866-670-7
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia

1. Educação 2. Infância. 1. SILVA, Vanessa Oliveira 2. SANTOS, Renata Gomes dos 3. MOREIRA, Denise Hosana 4. Título

CDD-370

SÔNIA MÁRCIA SOARES DE MOURA – CRB 6/1896

O conteúdo deste livro está licenciado sob a Licença de Atribuição Creative Commons 4.0.
Com ela é permitido compartilhar o livro, devendo ser dado o devido crédito, não podendo ser utilizado para fins comerciais e nem ser alterada.

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos seus respectivos autores.

Esse e outros títulos podem ser baixados gratuitamente em www.poisson.com.br
Entre em contato pelo contato@poisson.com.br

Sobre as autoras

As autoras são professoras e pesquisadoras do campo da Educação e das Ciências Humanas, com atuação voltada às políticas educacionais e aos estudos sobre cultura escolar, infâncias, juventudes, linguagem, subjetividade e cotidiano educativo. Desenvolvem pesquisas relacionadas às experiências simbólicas produzidas no espaço escolar, especialmente em contextos públicos de educação básica, com ênfase nas práticas culturais, nas formas de expressão juvenil e nas dinâmicas cotidianas da escola contemporânea.

A infância contemporânea encontra-se profundamente atravessada pelas racionalidades da produtividade, da aceleração e do desempenho. Em sociedades marcadas pela intensificação da performance, a experiência infantil passa gradualmente a ser organizada por práticas de controle do tempo, gerenciamento das condutas e ocupação contínua do cotidiano.

Este livro propõe uma reflexão crítica sobre os modos pelos quais a escola moderna e as lógicas contemporâneas participam da produção de subjetividades adaptadas às exigências da sociedade da performance. Articulando autores como Michel Foucault, Byung-Chul Han, Walter Benjamin e Jorge Larrosa, a obra ultrapassa a simples discussão pedagógica e problematiza as formas contemporâneas de existência.

Mais do que analisar práticas escolares, esta obra discute os modos contemporâneos de administração da infância. Ao problematizar a escolarização intensiva, a aceleração do cotidiano infantil e a cultura do desempenho, o livro revela como o tempo da criança se tornou território estratégico das lógicas contemporâneas de controle. Entre experiência, produtividade e subjetividade, a infância emerge como espaço central das disputas sobre humanidade na contemporaneidade.

“A experiência é cada vez mais rara.”

Walter Benjamin (BENJAMIN, 2012)

Apresentação

Este livro nasce da inquietação diante das formas pelas quais a infância contemporânea vem sendo gradualmente atravessada por racionalidades orientadas pelo controle do tempo, pela intensificação do desempenho e pela administração permanente da experiência infantil. Em sociedades marcadas pela aceleração da vida, pela produtividade contínua e pela exigência de adaptação constante, a infância ocupa posição estratégica nos modos contemporâneos de organização social.

Mais do que discutir práticas escolares isoladas, esta obra busca problematizar os processos históricos e institucionais que transformaram a experiência infantil em território de gerenciamento contínuo. Ao longo dos capítulos, a análise procura demonstrar que a escola moderna não atua apenas como espaço de transmissão de conhecimentos, mas também como instituição responsável pela organização dos ritmos, dos comportamentos e das temporalidades da infância.

A discussão desenvolvida dialoga com contribuições da Sociologia da Infância, da Filosofia da Educação e das análises foucaultianas sobre disciplina, poder e governamentalidade, articulando autores como Foucault (2014), Larrosa (2019), Benjamin (2012), Han (2017), Ariès (1981), Sarmento (2004) e Kohan (2003). Entretanto, o objetivo da obra não consiste em simplesmente apresentar conceitos teóricos ou sistematizar perspectivas acadêmicas já consolidadas. O percurso reflexivo aqui proposto busca compreender como determinadas lógicas contemporâneas vêm reorganizando os modos de viver a infância e produzindo formas cada vez mais sofisticadas de administração da experiência infantil.

Nesse contexto, o tempo emerge como elemento central da análise. A organização temporal da escola contemporânea ultrapassa a dimensão meramente administrativa e passa a constituir tecnologia fundamental de regulação da infância. Horários, rotinas, avaliações, fragmentação das atividades e ocupação contínua do cotidiano infantil revelam que o controle do tempo participa diretamente da produção de subjetividades adaptadas às exigências da performance social contemporânea.

A infância contemporânea passou a habitar uma cultura orientada pela antecipação, pela performance e pela exigência contínua de rendimento. Essa formulação torna-se eixo estruturante da obra ao permitir compreender a infância administrada como categoria analítica central das sociedades contemporâneas, nas quais o tempo da criança passa a ser continuamente organizado por expectativas de produtividade, adaptação e desempenho. A infância passa a ser concebida como etapa estratégica de investimento no futuro, fortalecendo processos de escolarização intensiva, aceleração das aprendizagens e ocupação permanente do tempo infantil. Nesse cenário, brincar, imaginar, experimentar o ócio e construir temporalidades próprias tornam-se experiências gradualmente tensionadas pelas exigências da performance.

Entretanto, esta obra não pretende sustentar perspectivas nostálgicas sobre a infância nem negar a importância das instituições educativas. O que se busca é problematizar os limites das lógicas contemporâneas que convertem gradualmente a experiência infantil em território de gerenciamento, monitoramento e otimização permanente. Mais do que defender soluções pedagógicas prontas, o livro procura abrir espaço para uma reflexão sobre os modos pelos quais a sociedade contemporânea vem produzindo determinadas formas de existência infantil.

Talvez a questão central não seja apenas como preparar melhor as crianças para o futuro, antecipar competências ou intensificar desempenhos. A pergunta que atravessa esta obra é outra: quais formas de humanidade ainda podem ser construídas quando a experiência infantil não é totalmente capturada pelas lógicas da produtividade e do desempenho contínuo?

Essa pergunta não se dirige apenas à infância. Ela se dirige à própria condição humana contemporânea.

SUMÁRIO

Apresentação 07

Introdução 09

PARTE I

A produção moderna da infância

Capítulo 1: A construção histórica da infância 13

1.1. A emergência histórica da infância moderna 13

1.2. Escola, disciplina e produção das temporalidades infantis 14

1.3. Infância, experiência e racionalidades contemporâneas 16

Capítulo 2: Escola moderna, disciplina e controle 18

2.1. A escola moderna e os dispositivos disciplinares 18

2.2. Governamentalidade, controle e administração da infância 20

2.3. Instituição escolar e normalização dos corpos infantis 21

PARTE II

Tempo, experiência e desempenho

Capítulo 3: A institucionalização do tempo infantil 24

3.1. Temporalidade escolar e fragmentação da experiência infantil 24

3.2. Rotina institucional e organização do cotidiano escolar 25

3.3. Administração do tempo e racionalidades da produtividade 27

Capítulo 4: Infância contemporânea e escolarização intensiva 29

4.1. Performance, aceleração e subjetividade infantil 29

4.2. Escolarização intensiva e ocupação permanente da infância 30

4.3. A infância contemporânea entre controle e produtividade 32

PARTE III

Experiência e resistência

Capítulo 5: Possibilidades pedagógicas para uma infância menos regulada 35

5.1. Experiência, lentidão e resistência pedagógica 36

5.2. Possibilidades formativas para além da lógica da performance 37

5.3. Infância, liberdade e reinvenção da experiência escolar 38

Considerações finais 40

Referências 43

INTRODUÇÃO

As reflexões desenvolvidas nesta obra emergem de pesquisa qualitativa realizada em contexto escolar, articulando observação institucional, análise documental e problematização crítica das racionalidades temporais presentes na organização cotidiana da infância. A investigação voltou-se para documentos pedagógicos, planejamentos escolares, organização da rotina institucional e dinâmicas temporais observadas no cotidiano da escola, buscando compreender como determinadas concepções de infância se materializam concretamente nas formas contemporâneas de administração do tempo infantil.

Pensar a infância contemporânea exige reconhecer que a criança não ocupa apenas um lugar biológico ou natural na sociedade, mas constitui uma categoria histórica, social e cultural permanentemente atravessada por relações de poder, expectativas institucionais e racionalidades que organizam os modos de viver, sentir e experimentar o mundo. A infância não representa simples etapa cronológica da existência humana. Ela constitui território de disputas simbólicas, políticas e institucionais que revelam, em cada época, determinadas concepções sobre educação, sociedade, subjetividade e humanidade.

Nas sociedades contemporâneas, marcadas pela aceleração da vida, pela intensificação da produtividade e pela cultura da performance, a infância passou a ocupar posição estratégica nas formas de administração da experiência humana. Desde os primeiros anos de vida, as crianças encontram-se inseridas em rotinas organizadas por horários, avaliações, atividades programadas, expectativas de rendimento e processos contínuos de monitoramento do desenvolvimento. O tempo infantil transforma-se gradualmente em objeto de gerenciamento institucional. A empiria construída ao longo da pesquisa evidenciou que as crianças observadas estavam inseridas em rotinas profundamente fragmentadas, marcadas por horários rígidos, mudanças sucessivas de atividades e constante necessidade de adaptação aos ritmos previamente organizados pela instituição escolar.

Nesse contexto, a escola moderna assume centralidade fundamental. Mais do que espaço destinado à transmissão de conhecimentos, ela participa da organização dos corpos, dos ritmos, dos comportamentos e das temporalidades da infância. A experiência escolar moderna não atua apenas ensinando conteúdos formais; ela produz formas específicas de relação com o tempo, com o desempenho e com as expectativas sociais de produtividade. A criança aprende, desde cedo, a adaptar-se às racionalidades institucionais que estruturam a vida contemporânea.

Ao longo das últimas décadas, esse processo intensificou-se significativamente. A ampliação da escolarização precoce, a antecipação das aprendizagens, o fortalecimento das avaliações educacionais e a crescente ocupação do cotidiano infantil revelam a consolidação de uma cultura profundamente orientada pela lógica do desempenho. A infância contemporânea encontra-se atravessada por expectativas contínuas de rendimento, desenvolvimento e otimização da experiência. O tempo da criança torna-se permanentemente preenchido por finalidades pedagógicas, produtivas ou formativas.

Entretanto, compreender criticamente esses processos exige ultrapassar leituras simplistas que reduzam a discussão à oposição entre escola e liberdade ou entre organização institucional e espontaneidade infantil. A questão central não reside na

existência de práticas educativas, rotinas ou instituições escolares, mas nos efeitos produzidos quando praticamente toda experiência da infância passa a ser capturada por racionalidades orientadas pela produtividade, pela aceleração e pelo gerenciamento permanente da vida.

As análises de FOUCAULT (2014) foram fundamentais para compreender esse cenário ao evidenciar que as instituições modernas operam por meio de tecnologias de poder voltadas à administração minuciosa dos sujeitos. Horários, vigilância, classificação, normalização e organização do cotidiano constituem práticas que ultrapassam a simples dimensão disciplinar e participam diretamente da produção de subjetividades socialmente adaptadas. A escola moderna emerge, nesse contexto, como uma das principais instituições responsáveis pela condução das condutas e pela organização das experiências da infância.

Todavia, a contemporaneidade introduz novas configurações nesse processo. Se as sociedades disciplinares clássicas operavam prioritariamente pela lógica da obediência e da vigilância, as lógicas contemporâneas passam a ser organizadas cada vez mais em torno do desempenho, da produtividade e da autogestão permanente do sujeito. As reflexões de HAN (2017) ajudam a compreender como a cultura contemporânea da performance produz sujeitos continuamente convocados a melhorar-se, otimizar-se e administrar a si mesmos segundo critérios incessantes de rendimento. A infância não permanece à margem dessas transformações.

A criança contemporânea é inserida, desde cedo, em uma cultura que valoriza antecipação de competências, ocupação contínua do tempo e intensificação das experiências de aprendizagem. O brincar, o lazer, a convivência e até mesmo os momentos de descanso tornam-se frequentemente atravessados por expectativas pedagógicas e finalidades desenvolvimentistas. A infância passa a ser concebida como etapa estratégica de investimento no futuro, fortalecendo processos de escolarização intensiva e gerenciamento crescente da experiência infantil.

Nesse cenário, o tempo assume posição decisiva. Mais do que dimensão neutra da vida cotidiana, o tempo transforma-se em tecnologia fundamental de organização da infância contemporânea. A fragmentação das atividades, a organização rígida das rotinas e a ocupação permanente do cotidiano infantil revelam que o controle do tempo constitui uma das formas mais sofisticadas de administração da experiência da criança. A infância aprende gradualmente que existir socialmente significa adaptar-se aos ritmos acelerados da produtividade contemporânea.

Entretanto, a experiência infantil possui temporalidades próprias frequentemente incompatíveis com as racionalidades da aceleração permanente. O brincar, a imaginação, a repetição, a curiosidade errante, a exploração corporal do mundo e as experiências não inteiramente orientadas por finalidades produtivas constituem dimensões fundamentais da infância que escapam, ao menos parcialmente, às lógicas da performance. A criança experiencia o tempo de maneira distinta das exigências de eficiência que organizam grande parte das instituições contemporâneas.

As reflexões de LARROSA (2019) tornam-se particularmente relevantes ao compreender a experiência como aquilo que verdadeiramente atravessa o sujeito e produz transformação. Para o autor, a experiência exige disponibilidade, interrupção e abertura ao imprevisível — condições frequentemente ameaçadas pelas lógicas contemporâneas da aceleração e da produtividade contínua. Uma infância completamente

administrada corre o risco de perder justamente aquilo que a constitui como experiência viva.

Sob essa perspectiva, este livro busca analisar criticamente os modos pelos quais a sociedade contemporânea vem produzindo formas cada vez mais sofisticadas de administração da infância por meio da organização do tempo, da intensificação da escolarização e da lógica do desempenho permanente. Mais do que discutir apenas práticas pedagógicas, a obra procura problematizar as lógicas contemporâneas que transformam praticamente toda experiência infantil em objeto de gerenciamento, monitoramento e otimização contínua.

O percurso reflexivo desenvolvido estrutura-se em cinco movimentos principais. Inicialmente, discute-se a construção histórica da infância e os processos modernos de institucionalização da experiência infantil. Em seguida, analisa-se a escola moderna como dispositivo disciplinar responsável pela organização dos corpos, dos tempos e das subjetividades da infância. Posteriormente, aprofunda-se a problematização do tempo escolar como tecnologia contemporânea de administração da experiência infantil. Na sequência, discutem-se as racionalidades da performance, da aceleração e da escolarização intensiva que atravessam a infância contemporânea. Por fim, a obra propõe uma reflexão filosófica sobre possibilidades de construção de experiências educativas menos subordinadas às lógicas do desempenho contínuo.

Mais do que oferecer respostas definitivas ou modelos pedagógicos prontos, este livro procura produzir deslocamentos críticos sobre as formas pelas quais a sociedade contemporânea vem organizando a infância. Talvez a questão central já não seja apenas como preparar melhor as crianças para o futuro, antecipar competências ou intensificar desempenhos. A pergunta que atravessa esta obra é outra: quais formas de humanidade ainda podem ser construídas quando a experiência infantil não é totalmente capturada pelas racionalidades da produtividade, da aceleração e do desempenho permanente?

Essa pergunta não se dirige apenas à infância. Ela se dirige à própria condição humana contemporânea.

PARTE I

A PRODUÇÃO MODERNA DA INFÂNCIA

CAPÍTULO

01 A construção histórica da infância

Este capítulo discute a constituição histórica da infância moderna e os processos pelos quais a escola passou a ocupar posição central na organização das temporalidades infantis. A reflexão articula contribuições da História da Infância, da Sociologia da Infância e das análises foucaultianas para compreender como a modernidade transformou a infância em território privilegiado de administração institucional da experiência humana.

Os tópicos que compõem este capítulo articulam diferentes perspectivas teóricas para compreender como a modernidade produziu novas formas de organização da infância. Inicialmente, a análise problematiza a emergência histórica da infância moderna a partir das contribuições da História da Infância e da Sociologia da Infância, discutindo tensões entre interpretações que compreendem a criança como objeto das instituições adultas e perspectivas que reconhecem a infância como experiência social produzida também pelas próprias crianças. Em seguida, a discussão desloca-se para a análise da escola moderna como dispositivo disciplinar responsável pela produção de temporalidades específicas da infância. Por fim, o capítulo amplia a reflexão para as racionalidades contemporâneas da performance e da aceleração.

Mais do que descrever transformações históricas da infância, este capítulo procura construir o horizonte epistemológico central da obra: a compreensão da infância contemporânea como experiência progressivamente administrada por racionalidades voltadas à produtividade, ao desempenho e à gestão contínua do tempo.

1.1 A EMERGÊNCIA HISTÓRICA DA INFÂNCIA MODERNA

A infância nem sempre ocupou o lugar central que hoje possui nas sociedades contemporâneas. A própria ideia de infância como etapa específica da existência humana resulta de um processo histórico relativamente recente, vinculado às profundas transformações sociais, culturais e institucionais produzidas pela modernidade. Conforme demonstram as análises de Ariès (1981), durante longos períodos da história europeia a criança não era compreendida como sujeito dotado de temporalidades, sensibilidades e necessidades próprias. Sua presença encontrava-se diluída no universo adulto, participando precocemente das atividades sociais, produtivas e familiares sem distinções muito marcadas entre as diferentes fases da vida.

Ariès (1981) demonstra que aquilo que hoje se compreende como “sentimento de infância” emerge gradativamente no interior das sociedades modernas, especialmente a partir das transformações culturais e institucionais que passaram a reconhecer a criança como sujeito específico da organização social. A infância deixa de constituir apenas etapa biológica do desenvolvimento humano para converter-se em categoria social, pedagógica e moral profundamente vinculada às racionalidades modernas de formação dos indivíduos.

As análises desenvolvidas por Ariès contribuíram decisivamente para compreender a historicidade da infância ao demonstrar que o chamado "sentimento de infância" não constitui realidade natural ou universal, mas construção histórica produzida no interior das sociedades modernas. Entretanto, as contribuições posteriores da Sociologia da Infância, especialmente em Sarmento (2004) Corsaro (2011), tensionam parcialmente essa perspectiva ao recusarem compreensões que reduzam a criança à condição de sujeito passivo produzido exclusivamente pelas estruturas adultas. Enquanto Ariès privilegia a emergência histórica da infância moderna como categoria social construída pela modernidade, Sarmento e Corsaro deslocam a análise para a capacidade das próprias crianças de produzirem culturas, negociarem sentidos e reinterpretarem as instituições às quais estão submetidas. A infância deixa, assim, de aparecer apenas como invenção histórica dos adultos e passa também a ser compreendida como experiência social produzida pelas próprias crianças.

Esse deslocamento é extremamente importante porque impede que a infância seja compreendida apenas como objeto das instituições modernas. A criança não apenas recebe normas, valores e temporalidades produzidas pelos adultos; ela também produz interpretações próprias da realidade, constrói culturas infantis e desenvolve formas específicas de relação com o mundo. A infância, portanto, não pode ser reduzida a simples etapa preparatória da vida adulta, pois constitui experiência social dotada de sentidos próprios.

Ao mesmo tempo, a emergência histórica da infância moderna encontra-se diretamente associada ao fortalecimento de instituições responsáveis pela formação, vigilância e administração dos sujeitos. Entre essas instituições, a escola ocupa posição central. A partir da modernidade, a infância passa progressivamente a ser objeto de acompanhamento contínuo, organização disciplinar e intervenção pedagógica sistemática. O tempo da criança transforma-se em espaço estratégico de investimentos sociais, políticos e institucionais voltados à produção do futuro adulto.

Nesse processo, a infância deixa de ser compreendida apenas como condição natural da vida humana e passa a ser organizada como território de formação moral, intelectual e social. A criança torna-se alvo privilegiado de saberes especializados — pedagógicos, psicológicos, médicos e jurídicos — responsáveis por definir aquilo que deveria ser considerado desenvolvimento adequado, aprendizagem legítima e comportamento esperado.

A modernidade inaugura, assim, uma profunda reorganização da experiência infantil. O tempo da criança passa gradativamente a ser planejado, administrado e monitorado por instituições que assumem a responsabilidade de conduzir sua formação. A infância moderna nasce articulada às racionalidades do controle, da disciplina e da normalização social.

1.2 ESCOLA, DISCIPLINA E PRODUÇÃO DAS TEMPORALIDADES INFANTIS

As reflexões Foucault (2014) permitem compreender de maneira mais aprofundada os processos pelos quais a escola moderna participa da constituição de formas específicas de subjetivação infantil. Em suas análises sobre as sociedades disciplinares, Foucault demonstra que instituições como escolas, hospitais, quartéis e prisões operam através de tecnologias de vigilância, normalização e administração dos

corpos. Mais do que simples espaços de transmissão de conhecimentos, essas instituições produzem sujeitos ajustados às racionalidades sociais dominantes.

A escola moderna emerge, nesse contexto, como uma das principais instituições responsáveis pela organização do tempo e dos comportamentos infantis. Horários, calendários, sinais, planejamentos pedagógicos, avaliações e rotinas escolares constituem dispositivos voltados à organização minuciosa da experiência cotidiana das crianças. O tempo escolar deixa de representar apenas mecanismo administrativo da instituição para converter-se em tecnologia disciplinar fundamental.

Durante a pesquisa de campo, tornou-se recorrente a percepção de que a organização institucional do cotidiano infantil ultrapassava a simples transmissão de conteúdos escolares. A distribuição minuciosa dos horários, os sinais sonoros, os deslocamentos coletivos e a fragmentação contínua das atividades revelavam formas permanentes de administração da experiência da infância.

A observação do cotidiano escolar evidenciou que praticamente toda experiência infantil encontrava-se previamente delimitada por temporalidades organizadas institucionalmente. As atividades eram constantemente interrompidas por sinais sonoros, mudanças de espaço e necessidade de adaptação imediata aos ritmos definidos pela rotina pedagógica. O tempo da criança aparecia profundamente fragmentado, submetido à lógica da produtividade e da antecipação permanente das tarefas seguintes.

Nas observações realizadas na instituição investigada, as crianças encontravam-se inseridas em rotinas profundamente fragmentadas, marcadas por mudanças sucessivas de atividades e constante necessidade de adaptação aos ritmos previamente organizados pela escola. O cotidiano infantil aparecia atravessado por interrupções contínuas, deslocamentos programados e organização rigorosa das experiências escolares.

Esses elementos revelam como a escola moderna participa da constituição de temporalidades específicas da infância. A criança aprende, desde cedo, que o tempo deve ser organizado, aproveitado e permanentemente monitorado. A pontualidade, a produtividade e a adaptação aos ritmos institucionais tornam-se valores incorporados precocemente no interior da experiência escolar.

A análise dos planejamentos pedagógicos e documentos institucionais também evidenciou forte preocupação com o aproveitamento integral do tempo escolar. Os materiais analisados demonstravam valorização contínua da ocupação permanente da rotina infantil, reduzindo significativamente os espaços destinados à pausa, à lentidão e às experiências não programadas.

Os documentos analisados não atuavam apenas como registros burocráticos da organização pedagógica. Eles funcionavam como dispositivos institucionais de ordenação da experiência infantil, revelando racionalidades específicas sobre o tempo, o brincar, o corpo e as formas consideradas legítimas de aprendizagem na infância contemporânea.

A racionalidade disciplinar moderna opera precisamente através dessa administração minuciosa do cotidiano. O controle institucional não depende exclusivamente de mecanismos explícitos de repressão. Ele atua também por meio da organização contínua dos tempos, dos espaços e das experiências consideradas adequadas para a infância.

Nesse sentido, a escola moderna não organiza apenas aprendizagens. Ela produz formas específicas de subjetivação infantil articuladas às temporalidades da

racionalidade moderna e às exigências contemporâneas da performance social. A criança aprende gradativamente que existir institucionalmente significa adaptar-se aos ritmos organizados pela escola, incorporando formas específicas de relação consigo mesma, com o tempo e com a produtividade.

Embora as análises foucaultianas permaneçam fundamentais para compreender os mecanismos modernos de disciplinamento escolar, a infância contemporânea parece já não poder ser explicada exclusivamente pelas categorias clássicas da vigilância e da normalização. A sociedade contemporânea não abandonou os dispositivos disciplinares descritos por Foucault; ao contrário, incorporou-os a formas ainda mais sofisticadas de administração subjetiva. O desempenho passa a operar como tecnologia complementar da disciplina. A criança já não apenas obedece: ela aprende progressivamente a administrar a si mesma em nome da produtividade.

1.3 INFÂNCIA, EXPERIÊNCIA E RACIONALIDADES CONTEMPORÂNEAS

As transformações contemporâneas aprofundaram significativamente os processos de administração da infância. Se as sociedades disciplinares analisadas por Foucault organizavam os sujeitos principalmente por meio da vigilância institucional e da normalização dos corpos, as sociedades atuais passaram a operar também através da lógica do desempenho, da aceleração e da produtividade contínua.

As análises de Han (2017) tornam-se fundamentais para compreender esse deslocamento. Han argumenta que a contemporaneidade já não funciona prioritariamente pela negatividade da proibição, mas pela positividade da produção incessante. O sujeito contemporâneo deixa de ser apenas disciplinado externamente e passa progressivamente a explorar a si mesmo em nome da eficiência, do rendimento e da performance.

Nesse ponto, Han desloca parcialmente as análises foucaultianas clássicas sobre disciplina. Enquanto Foucault (2014) analisa prioritariamente instituições organizadas pela vigilância, pela normalização e pela obediência, Han argumenta que a contemporaneidade produz formas mais sutis de controle, nas quais o próprio sujeito passa a explorar a si mesmo em nome do desempenho e da produtividade. O controle já não depende apenas da coerção institucional; ele passa a operar também por meio do desejo permanente de rendimento.

A infância contemporânea encontra-se situada precisamente na articulação entre essas duas racionalidades. A criança permanece submetida às estruturas disciplinares da escola moderna, mas também aprende, desde cedo, a transformar a si mesma em projeto contínuo de desempenho. O cotidiano infantil passa progressivamente a ser preenchido por atividades pedagógicas, cursos, avaliações, estímulos cognitivos e antecipação permanente das exigências futuras.

Denomina-se aqui infância administrada o processo contemporâneo por meio do qual a experiência infantil passa a ser continuamente organizada por racionalidades voltadas à produtividade, à aceleração e ao gerenciamento permanente do tempo da criança.

Essa administração da infância manifesta-se concretamente na intensificação das rotinas escolares, na ocupação contínua do tempo infantil e na redução progressiva dos espaços destinados à experiência livre. O brincar, a pausa, o ócio e a lentidão passam

gradativamente a ser percebidos como temporalidades improdutivas diante das exigências contemporâneas de rendimento permanente.

As reflexões de Larrosa (2019) tornam-se particularmente importantes nesse debate ao defender a experiência como dimensão fundamental da formação humana. Para Larrosa, a experiência exige abertura, disponibilidade e encontro com aquilo que interrompe a lógica utilitária do cotidiano. A experiência não pode ser totalmente planejada, administrada ou convertida em produtividade.

Enquanto Foucault evidencia os mecanismos institucionais de administração das condutas, Larrosa concentra-se naquilo que ainda pode escapar às racionalidades do controle total da vida. A experiência exige abertura, interrupção, disponibilidade e encontro com o imprevisível — condições progressivamente ameaçadas pelas temporalidades aceleradas da contemporaneidade.

As contribuições de Benjamin (2012) também ajudam a compreender como a modernidade produziu formas crescentes de empobrecimento da experiência humana. Benjamin identifica na modernidade industrial processos de fragmentação da experiência, enfraquecimento da narrativa e perda da capacidade de elaboração sensível da vida cotidiana.

Entretanto, Han radicaliza esse diagnóstico ao demonstrar que a sociedade contemporânea já não produz apenas fragmentação da experiência, mas também formas intensificadas de autoexploração e ocupação permanente da subjetividade. Se Benjamin analisa o empobrecimento da experiência no interior da modernidade industrial, Han evidencia como a lógica contemporânea da performance transforma o próprio sujeito em agente contínuo de sua aceleração.

As observações realizadas durante a pesquisa de campo permitiram perceber concretamente os efeitos dessas racionalidades contemporâneas sobre a experiência infantil. Mesmo os momentos teoricamente destinados à espontaneidade permaneciam submetidos à lógica institucional da produtividade.

Nas observações realizadas durante a pesquisa de campo, tornou-se perceptível que até mesmo os momentos teoricamente destinados à espontaneidade infantil permaneciam subordinados à lógica da produtividade institucional. O recreio, os deslocamentos e os tempos de transição apareciam constantemente reduzidos pela necessidade de retomada imediata das atividades pedagógicas seguintes.

O tempo livre tornava-se cada vez mais escasso, enquanto a ocupação contínua do cotidiano infantil surgia como valor positivo da organização escolar. A infância contemporânea passa, assim, a habitar uma cultura orientada pela aceleração, pela antecipação e pela exigência permanente de rendimento.

A problemática da infância contemporânea deixa, portanto, de ser apenas pedagógica. Ela revela formas mais amplas pelas quais as sociedades atuais administram o tempo, a experiência e os modos de existência humana.

CAPÍTULO

02 Escola moderna, disciplina e controle

A discussão desenvolvida neste capítulo busca compreender a escola moderna como dispositivo disciplinar responsável pela organização dos corpos, dos comportamentos e das temporalidades infantis. A análise evidencia que a instituição escolar ultrapassa a função de transmissão de conhecimentos e participa ativamente da produção de subjetividades ajustadas às racionalidades contemporâneas do controle e da produtividade.

Os tópicos que estruturam este capítulo articulam diferentes dimensões das relações entre disciplina, governamentalidade e administração da infância. Inicialmente, a reflexão analisa os dispositivos disciplinares presentes na escola moderna. Em seguida, a discussão desloca-se para as formas contemporâneas de governamentalidade. Por fim, o capítulo examina os processos de normalização dos corpos infantis, articulando empiria, Filosofia da Educação e crítica social contemporânea.

A análise desenvolvida ao longo deste capítulo procura demonstrar que a infância contemporânea encontra-se situada na interseção entre diferentes formas de poder.

2.1 A ESCOLA MODERNA E OS DISPOSITIVOS DISCIPLINARES

A consolidação da escola moderna está profundamente vinculada às transformações políticas, econômicas e culturais produzidas pela modernidade ocidental. Muito mais do que espaço destinado apenas à transmissão de conhecimentos, a escola emerge como instituição responsável pela formação de sujeitos adaptados às racionalidades sociais modernas. Nesse contexto, ela participa ativamente da organização dos corpos, da administração do tempo e da normalização das condutas infantis.

As análises desenvolvidas por Foucault (2014) oferecem importante contribuição para compreender os mecanismos através dos quais a escola moderna opera como dispositivo disciplinar. Em suas reflexões sobre as sociedades disciplinares, Foucault demonstra que instituições modernas como escolas, hospitais, prisões e quartéis compartilham tecnologias semelhantes de organização dos corpos e das condutas. Essas instituições atuam por meio da vigilância, da distribuição espacial dos sujeitos, da administração do tempo e da produção de comportamentos considerados adequados à ordem social.

A disciplina moderna não se caracteriza apenas pela repressão explícita ou pela imposição autoritária de normas. Ela opera de maneira mais sofisticada, produzindo sujeitos que aprendem gradativamente a regular seus próprios comportamentos em conformidade com as expectativas institucionais. A escola moderna desempenha papel central nesse processo ao transformar o cotidiano infantil em espaço permanente de organização das experiências, dos ritmos corporais e das formas de relação com o conhecimento.

A organização espacial da escola constitui um dos elementos centrais dessa racionalidade disciplinar. Salas organizadas em filas, distribuição dos estudantes em posições específicas, circulação regulada pelos adultos e delimitação rigorosa dos espaços de permanência produzem formas específicas de administração dos corpos infantis. O espaço escolar deixa de ser neutro e passa a funcionar como tecnologia de condução das condutas.

Ao lado da organização espacial, o tempo escolar emerge como importante mecanismo disciplinar. Horários rígidos, calendários, sinais sonoros, períodos de aula, intervalos controlados e planejamento minucioso das atividades constituem instrumentos voltados à racionalização contínua da experiência infantil. O cotidiano da criança passa gradativamente a ser organizado segundo temporalidades externas às dinâmicas espontâneas da infância.

Durante a pesquisa de campo, tornou-se recorrente a percepção de que os sinais escolares exerciam papel central na organização das experiências infantis. As atividades eram continuamente interrompidas por comandos sonoros que determinavam deslocamentos, encerramentos de tarefas e reorganização imediata da rotina escolar. O cotidiano infantil aparecia marcado por fragmentações constantes da experiência e pela necessidade permanente de adaptação aos ritmos previamente definidos pela instituição.

Esses elementos revelam que a escola moderna atua muito além da simples transmissão de conteúdos pedagógicos. Ela produz formas específicas de subjetivação infantil articuladas às racionalidades disciplinares da modernidade. A criança aprende, desde cedo, que o tempo deve ser organizado, monitorado e convertido em produtividade institucional.

As práticas disciplinares escolares operam também através da avaliação contínua dos comportamentos infantis. A observação permanente, o controle das atividades, a classificação dos desempenhos e a comparação entre estudantes produzem mecanismos de normalização responsáveis por definir aquilo que deve ser considerado desenvolvimento adequado, aprendizagem legítima e comportamento esperado.

Nesse contexto, o poder disciplinar não atua apenas proibindo ou reprimindo. Ele produz sujeitos ajustados às racionalidades sociais dominantes, constituindo formas específicas de relação consigo mesmos, com o tempo e com os outros. A escola moderna transforma-se, assim, em espaço privilegiado de formação das subjetividades contemporâneas.

A leitura de Han não elimina a potência analítica de Foucault, mas evidencia deslocamentos importantes nas formas contemporâneas de poder. A sociedade disciplinar descrita por Foucault não desapareceu integralmente; ela permanece operando nas estruturas escolares, nas avaliações, na administração dos corpos e na organização minuciosa do tempo infantil. Entretanto, a contemporaneidade acrescenta novas racionalidades baseadas na autogestão do desempenho.

A infância contemporânea encontra-se precisamente na interseção entre essas duas formas de poder. De um lado, permanece submetida à vigilância institucional da escola moderna; de outro, aprende progressivamente a converter a si mesma em projeto contínuo de produtividade. O desempenho deixa de ser apenas exigência externa e transforma-se em valor subjetivamente incorporado.

2.2 GOVERNAMENTALIDADE, CONTROLE E ADMINISTRAÇÃO DA INFÂNCIA

As análises foucaultianas sobre governamentalidade permitem aprofundar a compreensão acerca das formas contemporâneas de administração da infância. Para Foucault (2008), a modernidade não opera apenas através de mecanismos disciplinares visíveis, mas também por meio de racionalidades políticas responsáveis pela condução das condutas individuais e coletivas. Governar, nesse contexto, significa organizar modos de existência, produzir comportamentos e orientar formas específicas de relação dos sujeitos consigo mesmos.

A infância ocupa posição estratégica nesse processo porque representa etapa fundamental da formação social dos indivíduos. As instituições responsáveis pela educação infantil não apenas ensinam conteúdos escolares, mas participam ativamente da produção de sujeitos adequados às exigências sociais contemporâneas. O cotidiano da criança transforma-se progressivamente em território de administração contínua da experiência.

Essa administração da infância manifesta-se através de múltiplos dispositivos institucionais: organização rigorosa da rotina, antecipação pedagógica, controle dos deslocamentos, monitoramento dos comportamentos e ocupação permanente do tempo infantil. A criança aprende gradativamente que existir institucionalmente significa adaptar-se aos ritmos e expectativas produzidos pela escola.

A análise dos planejamentos pedagógicos e documentos institucionais revelou forte valorização do aproveitamento integral do tempo escolar. Os materiais analisados evidenciavam preocupação constante com a ocupação contínua da rotina infantil, reduzindo significativamente os espaços destinados à pausa, à lentidão e às experiências não programadas. Os documentos pedagógicos funcionavam não apenas como instrumentos administrativos, mas como dispositivos de regulação das temporalidades da infância.

A governamentalidade contemporânea opera precisamente através dessa administração minuciosa da vida cotidiana. O controle já não depende exclusivamente de formas explícitas de repressão. Ele atua por meio da produção de subjetividades que internalizam expectativas sociais de rendimento, produtividade e adaptação institucional.

Nesse ponto, as reflexões de Han (,2017) tornam-se fundamentais para compreender as transformações contemporâneas das formas de controle social. Han argumenta que a sociedade atual já não funciona prioritariamente pela negatividade da proibição, mas pela positividade da performance. O sujeito contemporâneo deixa de ser apenas disciplinado externamente e passa progressivamente a explorar a si mesmo em nome da eficiência e do desempenho.

Nesse aspecto, Han desloca parcialmente as análises foucaultianas clássicas sobre disciplina. Enquanto Foucault (2014) enfatiza instituições organizadas pela vigilância e pela normalização, Han argumenta que a contemporaneidade produz formas mais sutis de controle, nas quais os próprios sujeitos passam a administrar a si mesmos em nome da produtividade contínua. A infância contemporânea encontra-se situada precisamente na articulação entre essas duas racionalidades: permanece submetida às estruturas disciplinares da escola moderna, mas também aprende, desde cedo, a transformar o próprio desempenho em valor central da existência social.

A lógica da governamentalidade contemporânea intensifica a ocupação permanente do tempo infantil. A criança passa a habitar uma cultura orientada pela

antecipação, pela aceleração e pela necessidade contínua de rendimento. O brincar livre, o ócio e a experiência desacelerada tornam-se progressivamente subordinados às exigências institucionais de produtividade.

A administração da infância ultrapassa, assim, os limites da escola e passa a integrar formas mais amplas de organização da vida contemporânea. A racionalidade do desempenho atravessa não apenas os processos pedagógicos, mas também as relações familiares, os discursos psicológicos, as práticas de cuidado e as expectativas sociais dirigidas às crianças.

2.3 INSTITUIÇÃO ESCOLAR E NORMALIZAÇÃO DOS CORPOS INFANTIS

A escola moderna participa ativamente da produção de corpos adaptados às racionalidades institucionais da modernidade. As práticas pedagógicas, os ritmos escolares, os dispositivos disciplinares e as formas de organização do cotidiano infantil produzem modos específicos de relação das crianças com seus próprios corpos, movimentos e temporalidades.

As análises foucaultianas demonstram que o corpo ocupa posição central nas sociedades disciplinares. O controle moderno não atua apenas sobre ideias ou comportamentos abstratos; ele opera diretamente sobre os gestos, os movimentos, os deslocamentos e os ritmos corporais dos sujeitos. A escola emerge, nesse contexto, como importante espaço de produção de corpos úteis, obedientes e produtivos.

A criança aprende progressivamente a controlar seus movimentos, adaptar seus ritmos às temporalidades escolares e organizar seus comportamentos em conformidade com as expectativas institucionais. O corpo infantil passa a ser continuamente observado, avaliado e corrigido segundo padrões considerados adequados ao funcionamento da instituição.

Durante a pesquisa de campo, tornou-se perceptível que os deslocamentos das crianças eram constantemente organizados por comandos institucionais que regulavam não apenas os espaços de circulação, mas também os próprios ritmos corporais da infância. Filas, comandos sonoros, reorganizações rápidas das atividades e interrupções contínuas produziam formas permanentes de administração dos corpos infantis no cotidiano escolar.

O recreio escolar, frequentemente compreendido como momento de liberdade infantil, também aparecia atravessado por mecanismos institucionais de controle. O tempo destinado às brincadeiras era reduzido, rigidamente delimitado e constantemente monitorado pelos adultos responsáveis pela organização da rotina escolar.

Nas observações realizadas durante a pesquisa, tornou-se evidente que até mesmo os momentos teoricamente destinados à espontaneidade permaneciam subordinados às exigências institucionais da produtividade pedagógica. O recreio surgia muito mais como breve suspensão funcional entre atividades sucessivas do que como experiência efetivamente livre da infância.

Esses elementos revelam como a racionalidade escolar moderna participa da produção de corpos ajustados às temporalidades contemporâneas da performance. A criança aprende gradativamente que o corpo deve adaptar-se às exigências institucionais de produtividade, controle e rendimento contínuo.

Nesse ponto, as reflexões de Larrosa (2019) tornam-se particularmente importantes ao enfatizar a experiência como dimensão fundamental da formação humana. Para Larrosa, a experiência exige disponibilidade, abertura ao imprevisível e possibilidade de interrupção das temporalidades utilitárias da vida cotidiana.

Enquanto as racionalidades disciplinares organizam a infância segundo lógicas de produtividade e administração contínua do tempo, Larrosa evidencia a necessidade de preservar experiências capazes de escapar às formas totalizantes de controle institucional. A experiência infantil não pode ser completamente reduzida à lógica da utilidade pedagógica sem produzir empobrecimento das possibilidades formativas da infância.

As contribuições de Benjamin (2012) também ajudam a compreender os efeitos dessas racionalidades sobre a experiência contemporânea. Benjamin identifica na modernidade processos crescentes de fragmentação da experiência humana, enfraquecimento da narrativa e perda da capacidade de elaboração sensível do cotidiano.

As observações realizadas no campo empírico revelaram que a fragmentação contínua das atividades escolares dificultava a permanência prolongada das crianças em determinadas experiências. O cotidiano institucional aparecia marcado por sucessivas interrupções, mudanças rápidas de tarefa e necessidade constante de adaptação aos ritmos escolares previamente definidos.

A problemática da normalização dos corpos infantis revela, portanto, uma questão mais ampla acerca das formas pelas quais as sociedades contemporâneas administram a experiência humana. A infância emerge como território privilegiado das disputas entre produtividade, controle, experiência e liberdade nas racionalidades contemporâneas.

PARTE II

TEMPO, EXPERIÊNCIA E DESEMPENHO

CAPÍTULO

03 A institucionalização do tempo infantil

O presente capítulo desloca a discussão para a problemática das temporalidades escolares e da institucionalização contemporânea do tempo infantil. A análise parte da compreensão de que o tempo escolar não constitui simples mecanismo organizacional da rotina pedagógica, mas tecnologia central de administração da experiência da infância nas sociedades contemporâneas.

Os tópicos que compõem este capítulo articulam empiria e reflexão filosófico-social para compreender os efeitos contemporâneos da organização institucional das temporalidades infantis. Inicialmente, a discussão analisa os processos de fragmentação da experiência infantil produzidos pelas temporalidades escolares modernas. Em seguida, o capítulo problematiza a rotina institucional como mecanismo contínuo de administração do cotidiano infantil. Por fim, a reflexão amplia-se para as racionalidades contemporâneas da produtividade.

A problemática desenvolvida ao longo deste capítulo revela que a infância contemporânea aprende, desde cedo, a habitar temporalidades marcadas pela aceleração, pela interrupção contínua da experiência e pela necessidade permanente de adaptação aos ritmos institucionais.

3.1 TEMPORALIDADE ESCOLAR E FRAGMENTAÇÃO DA EXPERIÊNCIA INFANTIL

Antes mesmo de aprender conteúdos formais, a criança contemporânea aprende a habitar temporalidades organizadas institucionalmente. O tempo escolar já não constitui apenas mecanismo administrativo da rotina pedagógica; ele transforma-se em tecnologia central de condução da experiência infantil nas sociedades contemporâneas.

A institucionalização do tempo infantil encontra-se profundamente vinculada às racionalidades modernas de organização social. A escola moderna participa ativamente da produção de temporalidades específicas da infância, organizando rotinas, ritmos corporais, deslocamentos e formas de permanência das crianças nos espaços institucionais. O cotidiano escolar converte-se em espaço de administração contínua da experiência infantil.

As reflexões de Foucault (2014) permitem compreender como a organização do tempo atua como importante tecnologia disciplinar nas sociedades modernas. Para o autor, as instituições disciplinares operam através da distribuição minuciosa das atividades, da fragmentação dos movimentos e da administração rigorosa das temporalidades cotidianas. O tempo deixa de representar apenas dimensão natural da vida e passa a constituir objeto de racionalização permanente.

Na escola moderna, essa racionalidade manifesta-se por meio de horários rígidos, divisão fragmentada das atividades, sinais sonoros, calendários escolares e organização

detalhada da rotina pedagógica. O cotidiano infantil passa gradativamente a ser organizado segundo temporalidades externas às experiências espontâneas da infância.

Durante a pesquisa de campo, tornou-se perceptível que praticamente toda experiência infantil encontrava-se submetida a horários previamente estabelecidos pela instituição. As atividades eram continuamente interrompidas por sinais sonoros responsáveis por determinar deslocamentos, encerramentos de tarefas e reorganização imediata da rotina escolar. O tempo da criança aparecia profundamente fragmentado pela sucessão contínua de atividades organizadas institucionalmente.

Essa fragmentação da experiência infantil produz importantes efeitos sobre as formas de relação da criança consigo mesma, com o corpo e com o mundo. A infância passa progressivamente a habitar temporalidades marcadas pela aceleração, pela antecipação constante das tarefas seguintes e pela necessidade contínua de adaptação aos ritmos institucionais.

As análises de Larrosa (2019) ajudam a compreender os impactos dessas racionalidades sobre a experiência contemporânea. Para Larrosa, a experiência exige interrupção, disponibilidade e abertura ao imprevisível. A experiência não pode ser totalmente submetida às lógicas da produtividade sem produzir empobrecimento das possibilidades formativas da existência humana.

Enquanto a racionalidade escolar moderna organiza a infância segundo temporalidades fragmentadas e continuamente administradas, Larrosa evidencia a necessidade de preservar experiências capazes de escapar às formas totalizantes de organização do cotidiano. A experiência infantil exige tempos de permanência, lentidão e disponibilidade progressivamente ameaçados pelas temporalidades aceleradas da contemporaneidade.

As contribuições de Benjamin (2012) também tornam-se fundamentais nesse debate ao demonstrarem como a modernidade produziu processos crescentes de empobrecimento da experiência humana. Benjamin identifica na modernidade industrial formas intensificadas de fragmentação da vida cotidiana, dificultando a construção de experiências duradouras e elaboradas sensivelmente pelos sujeitos.

As observações realizadas no cotidiano escolar investigado revelaram que as crianças raramente permaneciam longos períodos em uma mesma atividade. O cotidiano institucional aparecia marcado por sucessivas interrupções, mudanças rápidas de tarefa e necessidade constante de reorganização da experiência infantil conforme os ritmos previamente definidos pela escola.

A fragmentação contínua do tempo escolar transforma a infância em experiência progressivamente administrada. A criança aprende, desde cedo, que o tempo deve ser aproveitado, organizado e permanentemente monitorado em conformidade com as exigências institucionais da produtividade contemporânea.

3.2 ROTINA INSTITUCIONAL E ORGANIZAÇÃO DO COTIDIANO ESCOLAR

A rotina escolar ocupa posição central na organização contemporânea da infância. Muito mais do que simples mecanismo administrativo do funcionamento institucional, ela constitui tecnologia responsável pela produção de comportamentos, ritmos corporais e formas específicas de relação da criança com o tempo e com o espaço.

As práticas institucionais organizam o cotidiano infantil através de múltiplos dispositivos: horários, filas, sinais, comandos sonoros, divisão das atividades, distribuição dos espaços e planejamento contínuo das experiências pedagógicas. A criança passa gradativamente a habitar um cotidiano marcado pela previsibilidade institucional e pela administração minuciosa das temporalidades da vida escolar.

Durante a pesquisa de campo, observou-se que os deslocamentos das crianças eram constantemente regulados por comandos institucionais responsáveis por determinar os momentos de entrada, saída, alimentação, recreio e retorno às atividades pedagógicas. O cotidiano escolar aparecia organizado segundo lógica de contínua reorganização dos tempos e movimentos infantis.

A análise dos planejamentos pedagógicos revelou forte valorização da ocupação permanente do tempo escolar. Os documentos institucionais demonstravam preocupação contínua com o aproveitamento integral da rotina infantil, reduzindo significativamente os espaços destinados à pausa, ao ócio e às experiências não programadas.

Os materiais analisados evidenciavam que praticamente toda experiência da criança encontrava-se previamente organizada por objetivos pedagógicos, tempos delimitados e expectativas institucionais claramente definidas. O cotidiano infantil surgia como espaço continuamente administrado pela racionalidade pedagógica contemporânea.

Segundo as reflexões de Foucault (2014) de organização do cotidiano operam como mecanismos de condução das condutas. Governar, nesse contexto, significa organizar modos de existência, orientar comportamentos e produzir subjetividades adaptadas às racionalidades sociais dominantes.

A rotina escolar não atua apenas externamente sobre as crianças. Ela passa gradativamente a produzir formas específicas de relação da infância consigo mesma. A criança aprende que o tempo deve ser continuamente organizado, monitorado e convertido em desempenho institucionalmente valorizado.

Nesse ponto, as análises de Han (2017) tornam-se particularmente importantes ao demonstrarem que a contemporaneidade opera menos pela repressão explícita e mais pela positividade da produção incessante. A sociedade contemporânea transforma produtividade e desempenho em princípios organizadores da própria existência.

Enquanto Foucault evidencia as tecnologias disciplinares responsáveis pela administração institucional dos corpos, Han demonstra que a contemporaneidade intensifica esses processos ao transformar o próprio sujeito em agente permanente de sua produtividade. A infância contemporânea aprende, desde cedo, a habitar racionalidades orientadas pela aceleração, pela antecipação e pela necessidade contínua de rendimento.

A organização contemporânea da rotina escolar revela, assim, formas ampliadas de administração da infância. O cotidiano infantil deixa de constituir apenas espaço de formação pedagógica e passa progressivamente a integrar racionalidades mais amplas de gestão da vida contemporânea.

Denomina-se infância administrada não apenas o controle institucional da rotina escolar, mas a transformação progressiva da própria experiência infantil em objeto de gerenciamento contínuo. A infância administrada emerge quando praticamente toda

temporalidade da criança passa a ser organizada segundo expectativas de produtividade, desempenho ou antecipação pedagógica.

Essa administração ultrapassa os limites da escola e atravessa múltiplas dimensões da vida contemporânea. O tempo livre, o brincar, o lazer e até mesmo as experiências afetivas passam gradativamente a ser organizados por racionalidades orientadas pela otimização da experiência. A infância contemporânea aprende precocemente que o tempo deve ser constantemente aproveitado, preenchido e convertido em desenvolvimento mensurável.

Talvez a forma mais sofisticada de administração contemporânea da infância não seja a proibição explícita do brincar ou da lentidão, mas sua incorporação funcional às exigências pedagógicas da produtividade. O brincar permanece autorizado desde que produza competências; a experiência continua legítima desde que resulte em desempenho.

3.3 ADMINISTRAÇÃO DO TEMPO E RACIONALIDADES DA PRODUTIVIDADE

A administração contemporânea do tempo infantil encontra-se profundamente atravessada pelas racionalidades da produtividade e do desempenho. A infância passa progressivamente a habitar uma cultura orientada pela aceleração, pela ocupação permanente do cotidiano e pela necessidade contínua de aproveitamento do tempo.

As transformações contemporâneas intensificaram significativamente os processos de racionalização da experiência infantil. A criança já não é apenas disciplinada pelas instituições modernas; ela também aprende, desde cedo, a organizar sua existência em torno das exigências sociais da performance e do rendimento contínuo.

As reflexões de Han (2017) ajudam a compreender como a sociedade contemporânea converte produtividade e desempenho em princípios centrais da vida social. Para Han, o sujeito contemporâneo encontra-se permanentemente submetido à lógica da autoexploração, transformando a si mesmo em projeto contínuo de rendimento.

Nesse contexto, denomina-se aqui infância administrada o processo contemporâneo por meio do qual a experiência infantil passa a ser continuamente organizada por racionalidades voltadas à produtividade, à aceleração e ao gerenciamento permanente do tempo da criança. A infância deixa gradativamente de ser compreendida como experiência aberta ao brincar, à lentidão e ao imprevisível, passando a ser organizada segundo expectativas institucionais de rendimento contínuo.

A intensificação da escolarização contemporânea produz importantes efeitos sobre a experiência da infância. O cotidiano infantil torna-se progressivamente preenchido por atividades pedagógicas, cursos, avaliações, estímulos cognitivos e antecipação constante das exigências futuras. O tempo livre reduz-se significativamente diante da ocupação permanente da rotina escolar.

Durante a pesquisa de campo, tornou-se evidente que até mesmo os momentos teoricamente destinados à espontaneidade infantil permaneciam atravessados por formas contínuas de monitoramento institucional. O recreio escolar surgia frequentemente como breve suspensão funcional entre atividades sucessivas, permanecendo subordinado à lógica da produtividade pedagógica e da retomada imediata das tarefas seguintes.

As contribuições de Larrosa (2019) tornam-se particularmente importantes nesse debate ao defender a necessidade de preservar experiências capazes de interromper as temporalidades aceleradas da contemporaneidade. Para Larrosa, a experiência exige disponibilidade, encontro e abertura ao imprevisível — condições progressivamente ameaçadas pelas racionalidades contemporâneas da produtividade.

Enquanto as racionalidades contemporâneas organizam a infância segundo lógicas de aceleração e desempenho permanente, Larrosa evidencia a necessidade de preservar temporalidades capazes de sustentar experiências formativas mais abertas, sensíveis e não inteiramente subordinadas às exigências utilitárias da produtividade social.

As análises de Benjamin (2012) também ajudam a compreender os efeitos dessas racionalidades sobre a experiência contemporânea. Benjamin identifica processos crescentes de empobrecimento da experiência humana no interior da modernidade, especialmente em razão da fragmentação contínua da vida cotidiana e da aceleração das temporalidades sociais.

As observações realizadas durante a pesquisa evidenciaram que a fragmentação contínua das atividades escolares dificultava a permanência prolongada das crianças em determinadas experiências. O cotidiano institucional aparecia organizado por sucessivas interrupções, reorganizações rápidas da rotina e ocupação permanente do tempo infantil.

A problemática da administração contemporânea da infância revela, portanto, uma questão mais ampla acerca das formas pelas quais as sociedades atuais organizam a experiência humana. A infância emerge como território privilegiado das disputas entre produtividade, experiência, aceleração e liberdade nas racionalidades contemporâneas.

CAPÍTULO

04 Infância contemporânea e escolarização intensiva

Este capítulo examina as relações entre escolarização intensiva, aceleração contemporânea e produção de subjetividades infantis orientadas pela lógica da performance. A análise parte do entendimento de que a infância contemporânea encontra-se situada em uma sociedade que transforma produtividade, desempenho e antecipação em princípios organizadores da própria existência.

Os tópicos que estruturam este capítulo articulam diferentes dimensões das racionalidades contemporâneas da performance. Inicialmente, a reflexão problematiza os processos de aceleração social e suas implicações sobre a experiência infantil. Em seguida, a análise discute a intensificação contemporânea da escolarização e a ocupação permanente do cotidiano infantil por atividades organizadas institucionalmente. Por fim, o capítulo articula controle disciplinar e produtividade contemporânea.

A discussão desenvolvida ao longo deste capítulo procura demonstrar que a infância contemporânea deixa gradativamente de ser vivida como experiência aberta ao brincar, à lentidão e à disponibilidade ao imprevisível.

4.1 PERFORMANCE, ACELERAÇÃO E SUBJETIVIDADE INFANTIL

A infância contemporânea encontra-se situada em uma sociedade que converte aceleração, desempenho e produtividade em princípios organizadores da própria existência. Nesse cenário, a escolarização intensiva ultrapassa a dimensão estritamente pedagógica e passa a integrar formas mais amplas de administração da vida infantil.

As transformações sociais das últimas décadas intensificaram significativamente as exigências dirigidas às crianças. O cotidiano infantil passou progressivamente a ser preenchido por atividades pedagógicas, cursos, avaliações, estímulos cognitivos e antecipação permanente das demandas futuras. A infância contemporânea já não é organizada apenas pela lógica disciplinar da escola moderna; ela também é atravessada pelas racionalidades contemporâneas da performance.

As análises de Han (2017) ajudam a compreender os modos pelos quais a sociedade contemporânea transforma produtividade e desempenho em imperativos permanentes da vida social. Para Han, o sujeito contemporâneo deixa de ser controlado exclusivamente por mecanismos externos de vigilância e passa a explorar continuamente a si mesmo em nome da eficiência e da maximização do rendimento.

Nesse aspecto, Han desloca parcialmente as análises foucaultianas clássicas sobre disciplina. Enquanto Foucault (2014) analisa instituições organizadas prioritariamente pela vigilância, pela normalização e pela obediência, Han demonstra que a contemporaneidade produz formas mais sutis de controle, nas quais o próprio sujeito passa a administrar continuamente a si mesmo em nome da produtividade. A criança

contemporânea aprende, desde cedo, a transformar o próprio desempenho em valor central da existência social.

A infância contemporânea passa gradativamente a habitar uma cultura orientada pela antecipação permanente do futuro. O tempo infantil deixa de ser percebido como experiência aberta ao brincar, à lentidão e à disponibilidade, convertendo-se progressivamente em território de preparação contínua para as exigências sociais da performance.

Durante a pesquisa de campo, tornou-se perceptível que a rotina escolar encontrava-se fortemente orientada pela lógica do aproveitamento permanente do tempo infantil. As atividades eram continuamente organizadas segundo expectativas de produtividade pedagógica, reduzindo significativamente os espaços destinados à pausa, à experiência espontânea e às temporalidades desaceleradas da infância.

A aceleração contemporânea produz importantes efeitos sobre as formas de subjetivação infantil. A criança aprende gradativamente que o tempo deve ser aproveitado integralmente, que o rendimento constitui valor positivo e que a experiência cotidiana deve ser continuamente convertida em desempenho mensurável.

As contribuições de Rosa (2019) tornam-se particularmente relevantes nesse debate ao demonstrarem que a modernidade tardia intensificou os processos de aceleração social em praticamente todas as dimensões da vida contemporânea. O tempo torna-se cada vez mais comprimido, enquanto os sujeitos passam a habitar rotinas marcadas pela urgência permanente e pela necessidade contínua de adaptação às transformações aceleradas do cotidiano.

A infância contemporânea encontra-se diretamente atravessada por essas temporalidades aceleradas. As observações realizadas durante a pesquisa evidenciaram que o cotidiano escolar das crianças era marcado por sucessivas reorganizações da rotina, antecipação constante das tarefas seguintes e necessidade permanente de adaptação aos ritmos institucionais previamente estabelecidos.

Nesse contexto, a infância passa progressivamente a ser compreendida não apenas como etapa da vida, mas como investimento contínuo na formação de sujeitos produtivos, competitivos e adaptáveis às exigências contemporâneas da performance social.

4.2 ESCOLARIZAÇÃO INTENSIVA E OCUPAÇÃO PERMANENTE DA INFÂNCIA

A intensificação contemporânea da escolarização constitui um dos elementos centrais da administração atual da infância. O cotidiano infantil torna-se progressivamente ocupado por atividades pedagógicas, avaliações, planejamentos institucionais e experiências continuamente orientadas por finalidades educativas.

A escola contemporânea ultrapassa gradativamente sua função tradicional de transmissão de conhecimentos e passa a assumir responsabilidade ampliada sobre a organização da vida infantil. O tempo da criança converte-se em espaço estratégico de investimentos pedagógicos voltados à formação de competências, habilidades e desempenhos considerados necessários às exigências sociais contemporâneas.

A análise dos documentos institucionais e planejamentos pedagógicos revelou forte valorização da ocupação contínua do tempo infantil. Os materiais analisados evidenciavam preocupação permanente com o aproveitamento integral da rotina escolar,

reduzindo significativamente os espaços destinados à experiência livre, ao brincar espontâneo e às temporalidades não programadas da infância.

Essa ocupação permanente da infância encontra-se profundamente relacionada às racionalidades contemporâneas da produtividade. A criança passa gradativamente a habitar um cotidiano marcado pela intensificação das atividades, pela antecipação constante das aprendizagens e pela necessidade contínua de rendimento escolar.

As análises de Foucault (2008) sobre governamentalidade ajudam a compreender como as instituições contemporâneas organizam formas específicas de condução das condutas. Governar, nesse contexto, significa produzir modos de existência ajustados às racionalidades sociais dominantes. A infância emerge como território privilegiado dessas formas contemporâneas de administração da vida.

Durante a pesquisa de campo, tornou-se evidente que praticamente toda experiência infantil encontrava-se previamente organizada por objetivos pedagógicos, horários delimitados e expectativas institucionais claramente definidas. O cotidiano escolar surgia como espaço continuamente administrado pela racionalidade pedagógica contemporânea.

A intensificação da escolarização contemporânea produz importantes transformações nas formas de experiência da infância. O brincar livre, o ócio, a pausa e a disponibilidade passam gradativamente a ser subordinados às exigências pedagógicas da produtividade institucional.

Nesse ponto, as reflexões de Larrosa (2019) tornam-se particularmente importantes ao defenderem a experiência como dimensão fundamental da formação humana. Para Larrosa, a experiência exige abertura, disponibilidade e possibilidade de encontro com aquilo que interrompe as temporalidades utilitárias da vida cotidiana.

Enquanto as racionalidades contemporâneas organizam a infância segundo lógicas de produtividade e ocupação permanente do cotidiano, Larrosa evidencia a necessidade de preservar experiências capazes de sustentar formas mais abertas, sensíveis e não inteiramente subordinadas às exigências utilitárias da performance social.

As contribuições de Benjamin (2012) também ajudam a compreender como a modernidade produziu formas crescentes de empobrecimento da experiência humana. Benjamin identifica processos de fragmentação contínua da vida cotidiana que dificultam a construção de experiências duradouras e elaboradas sensivelmente pelos sujeitos.

As observações realizadas durante a pesquisa revelaram que a fragmentação contínua da rotina escolar dificultava a permanência prolongada das crianças em determinadas experiências. O cotidiano institucional aparecia marcado por sucessivas interrupções, reorganizações rápidas das atividades e necessidade constante de adaptação aos ritmos previamente definidos pela escola.

A escolarização intensiva contemporânea revela, assim, formas ampliadas de administração da infância. O cotidiano infantil deixa de constituir apenas espaço de aprendizagem e passa progressivamente a integrar racionalidades mais amplas de gestão da vida contemporânea.

4.3 A INFÂNCIA CONTEMPORÂNEA ENTRE CONTROLE E PRODUTIVIDADE

A infância contemporânea encontra-se situada em uma tensão permanente entre as formas modernas de controle institucional e as racionalidades contemporâneas da produtividade. A criança permanece submetida às estruturas disciplinares da escola moderna, mas também aprende, desde cedo, a organizar sua existência em torno da lógica do desempenho contínuo.

As análises de Foucault (2014) permanecem fundamentais para compreender como as instituições escolares organizam mecanismos de vigilância, normalização e administração dos corpos infantis. A escola moderna continua operando através da distribuição minuciosa dos tempos, dos espaços e das experiências consideradas adequadas à infância.

Entretanto, as transformações contemporâneas intensificaram significativamente esses processos ao incorporarem racionalidades voltadas à produtividade permanente da vida. A criança contemporânea já não precisa apenas obedecer às normas institucionais; ela também aprende a transformar a si mesma em projeto contínuo de desempenho.

Denomina-se aqui infância administrada o processo contemporâneo por meio do qual a experiência infantil passa a ser continuamente organizada por racionalidades voltadas à produtividade, à aceleração e ao gerenciamento permanente do tempo da criança. A infância contemporânea aprende, desde cedo, que o tempo deve ser aproveitado, monitorado e convertido em rendimento socialmente valorizado.

Essa racionalidade da produtividade manifesta-se concretamente na intensificação das rotinas escolares, na antecipação constante das aprendizagens e na ocupação permanente do cotidiano infantil. O tempo livre reduz-se significativamente diante das exigências contemporâneas de desempenho e adaptação institucional.

Durante a pesquisa de campo, tornou-se perceptível que até mesmo os momentos teoricamente destinados à espontaneidade permaneciam subordinados às exigências institucionais da produtividade pedagógica. O recreio escolar surgia frequentemente como breve suspensão funcional entre atividades sucessivas, permanecendo continuamente atravessado pela lógica da administração do tempo infantil.

As análises de Han (2017) ajudam a compreender como a contemporaneidade transforma o próprio sujeito em agente contínuo de sua produtividade. O controle deixa gradativamente de operar apenas pela coerção institucional e passa também a funcionar através da interiorização das exigências sociais de rendimento.

Enquanto Foucault (2014) evidencia as tecnologias disciplinares responsáveis pela administração institucional da infância, Han demonstra que a contemporaneidade intensifica esses processos ao transformar produtividade e desempenho em valores incorporados pelos próprios sujeitos. A criança contemporânea aprende precocemente a organizar sua existência segundo expectativas contínuas de rendimento e adaptação social.

As reflexões de Larrosa (2019) tornam-se fundamentais ao defenderem a necessidade de preservar experiências capazes de interromper as temporalidades aceleradas da contemporaneidade. Para Larrosa, a experiência exige lentidão, disponibilidade e possibilidade de encontro com aquilo que escapa às lógicas utilitárias da produtividade.

Nesse sentido, a problemática da infância contemporânea ultrapassa os limites da pedagogia escolar e revela uma questão mais ampla acerca das formas pelas quais as sociedades atuais organizam o tempo, a experiência e os modos de existência humana. A infância emerge como território privilegiado das disputas entre produtividade, controle, experiência e liberdade nas racionalidades contemporâneas.

PARTE III

EXPERIÊNCIA E RESISTÊNCIA

CAPÍTULO

05 Possibilidades pedagógicas para uma infância menos regulada

A problemática desenvolvida nesta parte do livro desloca a análise das estruturas disciplinares clássicas da escola moderna para as racionalidades contemporâneas da aceleração, da performance e da intensificação da escolarização da infância. Se, nos capítulos anteriores, a discussão evidenciou os modos pelos quais a modernidade organizou institucionalmente os corpos, os tempos e as experiências infantis, a reflexão agora se volta para as formas contemporâneas de aprofundamento desses processos no interior das sociedades orientadas pela produtividade contínua.

A epígrafe de Walter Benjamin adquire, nesse contexto, centralidade filosófica decisiva. Ao afirmar que "a experiência é cada vez mais rara", Benjamin não se refere apenas ao desaparecimento de determinadas vivências tradicionais da modernidade. Sua reflexão permite compreender como as temporalidades aceleradas da vida contemporânea produzem formas crescentes de fragmentação da experiência humana, dificultando a permanência prolongada dos sujeitos em relações sensíveis com o tempo, com a memória e com a própria existência cotidiana.

A infância contemporânea encontra-se profundamente atravessada por essas racionalidades. A aceleração das rotinas escolares, a ocupação permanente do cotidiano infantil, a antecipação contínua das aprendizagens e a exigência crescente de desempenho transformam a experiência da infância em território progressivamente submetido às lógicas da produtividade. A criança passa gradativamente a existir menos como sujeito do presente e mais como projeto contínuo de futuro, organizada por temporalidades voltadas à preparação permanente para exigências ainda não realizadas.

É precisamente nesse cenário que a noção de "infância administrada", desenvolvida ao longo desta obra, ganha maior densidade interpretativa. A administração contemporânea da infância não opera apenas através do controle explícito dos comportamentos ou da vigilância institucional dos corpos. Ela atua também pela reorganização preventiva das próprias possibilidades legítimas de experiência da criança. O brincar, a pausa, a lentidão e a disponibilidade ao imprevisível passam progressivamente a necessitar de justificativas pedagógicas para permanecerem reconhecidos como experiências socialmente válidas.

Os capítulos que compõem esta parte examinam como a escolarização intensiva contemporânea participa da produção dessas temporalidades aceleradas da infância. A análise articula as contribuições de Michel Foucault, Byung-Chul Han, Hartmut Rosa, Jorge Larrosa e Walter Benjamin para compreender os modos pelos quais a contemporaneidade transforma produtividade, desempenho e aceleração em princípios organizadores da própria experiência infantil. Mais do que discutir exclusivamente a escola, a reflexão procura problematizar criticamente as formas pelas quais as sociedades contemporâneas administram o tempo, a experiência e as possibilidades de existência humana.

5.1 EXPERIÊNCIA, LENTIDÃO E RESISTÊNCIA PEDAGÓGICA

As transformações contemporâneas intensificaram significativamente os processos de administração da infância, produzindo formas crescentes de ocupação permanente do tempo infantil e fragmentação da experiência cotidiana. Nesse cenário, pensar a infância implica também problematizar as possibilidades de resistência às racionalidades contemporâneas da aceleração, da produtividade e da performance.

As análises de Larrosa (2019) tornam-se fundamentais para compreender a experiência como dimensão central da formação humana. Para o autor, a experiência não se reduz à acumulação de informações ou à execução contínua de atividades pedagógicas. A experiência exige interrupção, disponibilidade, abertura ao imprevisível e possibilidade de encontro com aquilo que escapa às temporalidades utilitárias da vida contemporânea.

Larrosa (2019) argumenta que a sociedade contemporânea produz formas crescentes de empobrecimento da experiência ao transformar o cotidiano em sucessão contínua de estímulos, informações e tarefas organizadas pela lógica da produtividade. A aceleração permanente dificulta a permanência prolongada dos sujeitos em determinadas experiências, comprometendo a construção de relações mais sensíveis com o tempo, com o corpo e com o mundo.

Nesse contexto, a infância contemporânea encontra-se profundamente atravessada pelas racionalidades da aceleração e da ocupação permanente do cotidiano. As observações realizadas durante a pesquisa evidenciaram que o tempo infantil era continuamente organizado por atividades sucessivas, mudanças rápidas de tarefa e reorganizações permanentes da rotina escolar, dificultando a permanência prolongada das crianças em determinadas experiências.

A resistência pedagógica não significa rejeição absoluta da escola ou das instituições educativas. Ela implica problematizar criticamente as formas pelas quais o cotidiano infantil vem sendo organizado pelas racionalidades contemporâneas da produtividade. Resistir, nesse contexto, significa defender temporalidades capazes de sustentar experiências mais abertas, sensíveis e não inteiramente subordinadas às exigências utilitárias da performance social.

As contribuições de Benjamin (2012) ajudam a compreender como a modernidade produziu processos crescentes de fragmentação da experiência humana. Benjamin identifica na aceleração da vida moderna o enfraquecimento da narrativa, da memória e da elaboração sensível das experiências cotidianas.

Enquanto Benjamin (2012) evidencia o empobrecimento da experiência no interior da modernidade industrial, Larrosa (2019) desloca essa discussão para o campo educacional ao defender a necessidade de preservar experiências capazes de interromper as temporalidades aceleradas da contemporaneidade. Ambos os autores permitem compreender que a experiência exige tempos de permanência e elaboração progressivamente ameaçados pelas racionalidades contemporâneas da produtividade.

Nesse cenário, a lentidão emerge como importante categoria de resistência às temporalidades aceleradas da contemporaneidade. A lentidão não representa improdutividade ou ausência de aprendizagem; ela constitui condição fundamental para a construção de experiências formativas mais profundas, sensíveis e abertas ao imprevisível.

Durante a pesquisa de campo, tornou-se perceptível que os espaços destinados à pausa, à escuta e à permanência prolongada das crianças em determinadas atividades eram significativamente reduzidos pela necessidade constante de reorganização da rotina institucional. A lógica do aproveitamento contínuo do tempo escolar dificultava experiências desaceleradas da infância.

A defesa de temporalidades mais lentas implica reconhecer que a formação humana não pode ser integralmente submetida às racionalidades da produtividade e da administração contínua do cotidiano. A infância necessita de tempos capazes de sustentar o brincar, a imaginação, a experimentação e a abertura ao inesperado.

5.2 POSSIBILIDADES FORMATIVAS PARA ALÉM DA LÓGICA DA PERFORMANCE

As racionalidades contemporâneas da performance transformaram produtividade, eficiência e rendimento em valores centrais da vida social. A infância contemporânea encontra-se diretamente atravessada por essas exigências, aprendendo desde cedo a organizar sua existência em torno da lógica do desempenho contínuo.

As análises de Han (2017) ajudam a compreender como a sociedade contemporânea converte o próprio sujeito em agente permanente de sua produtividade. Para Han, o sujeito contemporâneo já não é controlado apenas por mecanismos externos de disciplina; ele passa progressivamente a explorar a si mesmo em nome da eficiência, do rendimento e da maximização do desempenho.

Nesse contexto, a infância contemporânea aprende gradativamente que o tempo deve ser aproveitado integralmente e convertido em produtividade socialmente valorizada. As observações realizadas durante a pesquisa evidenciaram forte valorização institucional do aproveitamento contínuo do tempo escolar, reduzindo significativamente os espaços destinados às experiências não programadas da infância.

A lógica contemporânea da performance produz importantes efeitos sobre as formas de experiência infantil. O brincar livre, o ócio, a imaginação e as temporalidades desaceleradas passam gradativamente a ser subordinados às exigências de rendimento pedagógico e antecipação contínua das aprendizagens.

As reflexões de Foucault (2008) ajudam a compreender como as instituições contemporâneas organizam formas específicas de condução das condutas. Governar, nesse contexto, significa produzir sujeitos adaptados às racionalidades sociais dominantes. A escola contemporânea participa ativamente desse processo ao transformar o cotidiano infantil em espaço permanente de administração das experiências e dos comportamentos.

A análise dos planejamentos pedagógicos revelou forte preocupação institucional com a ocupação integral da rotina escolar. Os documentos analisados demonstravam valorização contínua da produtividade pedagógica e da organização minuciosa do tempo infantil, evidenciando racionalidades orientadas pela antecipação permanente das atividades e pelo aproveitamento constante da experiência escolar.

Entretanto, pensar possibilidades formativas para além da lógica da performance implica reconhecer que a formação humana não pode ser reduzida exclusivamente à produtividade institucional. A infância necessita de experiências capazes de sustentar criatividade, imaginação, sensibilidade e abertura ao imprevisível.

Nesse ponto, as contribuições de Larrosa (2019) tornam-se fundamentais ao defenderem uma educação comprometida não apenas com a transmissão de conteúdos, mas também com a possibilidade de experiência. Para a autora, educar implica criar condições para que algo aconteça ao sujeito, produzindo deslocamentos, encontros e formas singulares de relação com o mundo.

Enquanto as racionalidades contemporâneas organizam a infância segundo exigências contínuas de desempenho, Larrosa (2019) evidencia a necessidade de preservar experiências educativas capazes de interromper as temporalidades aceleradas da produtividade social. A formação humana exige disponibilidade, escuta e abertura a experiências que não podem ser totalmente previstas ou administradas pelas instituições.

As possibilidades formativas da infância exigem, portanto, problematizar criticamente as racionalidades contemporâneas da performance. Pensar a educação para além da lógica do rendimento implica reconhecer a importância do brincar, da lentidão, da experiência estética e das temporalidades não inteiramente subordinadas à produtividade institucional.

5.3 INFÂNCIA, LIBERDADE E REINVENÇÃO DA EXPERIÊNCIA ESCOLAR

Pensar a infância contemporânea exige problematizar não apenas as formas de administração do tempo infantil, mas também as possibilidades de reinvenção das experiências escolares. A crítica às racionalidades contemporâneas da produtividade não implica rejeição da escola enquanto espaço formativo; ela exige repensar criticamente as temporalidades, práticas e concepções que organizam o cotidiano da infância.

A escola contemporânea encontra-se atravessada por tensões permanentes entre controle, produtividade e experiência. Ao mesmo tempo em que participa da administração institucional da infância, ela também pode constituir espaço de criação de experiências capazes de interromper as racionalidades aceleradas da contemporaneidade.

As reflexões de Foucault (2014) ajudam a compreender que as relações de poder nunca são absolutas ou totalizantes. Onde há poder, há também possibilidades de resistência. A escola, portanto, não deve ser compreendida apenas como espaço homogêneo de controle institucional, mas também como território de disputas, negociações e possibilidades de reinvenção das práticas educativas.

Durante a pesquisa de campo, apesar da forte organização institucional das temporalidades escolares, também foi possível perceber momentos nos quais as crianças produziam formas próprias de interação, brincadeira e ressignificação das experiências escolares. Mesmo em contextos fortemente organizados pela racionalidade institucional, a infância continuava produzindo modos singulares de relação com o cotidiano escolar.

As contribuições da Sociologia da Infância, especialmente em Sarmento (2004) e Corsaro (2011), tornam-se particularmente importantes nesse debate ao defenderem a criança como sujeito ativo da experiência social. As crianças não apenas reproduzem passivamente as normas institucionais; elas também reinterpretam, negociam e transformam os contextos nos quais estão inseridas.

Nesse sentido, a infância não pode ser reduzida exclusivamente à condição de objeto das racionalidades institucionais. Mesmo submetidas às formas contemporâneas de administração do tempo e da experiência, as crianças continuam produzindo culturas

próprias, estabelecendo relações singulares com o brincar e criando espaços de resistência às temporalidades rigidamente organizadas da vida escolar.

As reflexões de Larrosa (2019) tornam-se fundamentais ao defenderem a necessidade de preservar experiências educativas comprometidas com abertura, escuta e disponibilidade ao imprevisível. Para Larrosa, a educação não pode ser reduzida à lógica da produção contínua de resultados mensuráveis; ela exige encontros capazes de transformar sensivelmente os sujeitos.

A reinvenção da experiência escolar implica reconhecer que a infância necessita de tempos mais abertos ao brincar, à imaginação, à experimentação e à convivência não inteiramente subordinada às exigências da produtividade institucional. Isso significa defender práticas pedagógicas capazes de sustentar experiências desaceleradas, relações mais sensíveis com o tempo e formas menos utilitárias de organização do cotidiano escolar.

As observações realizadas durante a pesquisa evidenciaram que os espaços destinados à experiência livre da infância eram frequentemente reduzidos pelas exigências institucionais da produtividade pedagógica. Entretanto, também revelaram que as crianças constantemente buscavam produzir brechas de brincadeira, interação e criação mesmo em contextos fortemente organizados pela racionalidade escolar contemporânea.

A problemática da infância contemporânea revela, portanto, uma questão mais ampla acerca das formas pelas quais as sociedades atuais organizam a experiência humana. Pensar possibilidades formativas para além da lógica da performance implica defender temporalidades capazes de sustentar experiências mais abertas, sensíveis e comprometidas com a liberdade da infância.

Nesse sentido, a reinvenção da experiência escolar exige reconhecer que a infância não deve ser compreendida apenas como etapa preparatória da vida produtiva adulta. A criança precisa ser reconhecida como sujeito de experiência, portadora de temporalidades próprias e capaz de produzir formas singulares de relação com o mundo, com o brincar e com a vida coletiva.

Talvez o problema contemporâneo não seja apenas o desaparecimento progressivo da experiência infantil, mas a incapacidade crescente da própria sociedade de sustentar temporalidades não subordinadas à lógica da performance. A infância emerge, nesse cenário, como território privilegiado das disputas contemporâneas sobre humanidade, experiência e liberdade.

A defesa de uma infância menos administrada não implica recusa da escola, do conhecimento ou das práticas educativas. Ela exige problematizar criticamente as racionalidades contemporâneas que transformam praticamente toda experiência humana em objeto de gerenciamento, desempenho e produtividade contínua.

Mais do que discutir apenas o futuro da infância, a problemática analisada ao longo desta obra revela uma questão mais profunda acerca da própria condição humana contemporânea: quais experiências ainda permanecem possíveis quando o tempo deixa de ser vivido e passa progressivamente a ser apenas administrado?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A articulação entre investigação empírica e problematização filosófica permitiu compreender que a administração contemporânea da infância não se manifesta apenas nos discursos pedagógicos abstratos, mas nas formas concretas através das quais o cotidiano escolar organiza os corpos, os tempos, os deslocamentos e as experiências das crianças. Os dados observados durante a pesquisa evidenciaram que a racionalização do tempo infantil tornou-se elemento estruturante da experiência escolar contemporânea.

Entre o controle e a experiência: infância, tempo e racionalidade contemporânea
Ao longo desta obra, buscou-se compreender de que maneira a infância contemporânea vem sendo gradualmente aravessada por racionalidades institucionais voltadas à organização do tempo, à administração dos comportamentos e à produção de subjetividades adaptadas às exigências da sociedade contemporânea. Mais do que analisar práticas pedagógicas específicas, a reflexão desenvolvida procurou evidenciar que a escolarização moderna participa de processos mais amplos de regulação da vida, nos quais o tempo infantil assume posição estratégica na constituição das formas contemporâneas de governar os sujeitos.

A infância não constitui realidade natural, universal ou imutável. Conforme discutido ao longo dos capítulos, ela representa construção histórica permanentemente reorganizada pelas transformações culturais, políticas e institucionais de cada época. A modernidade produziu não apenas novas formas de proteção da criança, mas também mecanismos sofisticados de administração da experiência infantil. A escola moderna consolidou-se como espaço privilegiado desse processo ao organizar minuciosamente os corpos, os ritmos, os comportamentos e as temporalidades da infância.

Entretanto, a contemporaneidade radicalizou significativamente essas racionalidades de controle. A intensificação da escolarização, a antecipação das aprendizagens, a cultura da performance e a ocupação contínua do cotidiano infantil revelam que a infância passou a ser concebida como território permanente de investimento, otimização e gerenciamento. A criança contemporânea aprende, desde cedo, que o tempo precisa ser aproveitado, monitorado e convertido em produtividade. Os materiais institucionais analisados — especialmente planejamentos e registros pedagógicos — evidenciaram forte valorização do aproveitamento integral do tempo escolar, reduzindo significativamente os espaços destinados à lentidão, à pausa e às experiências não programadas da infância. A experiência infantil torna-se gradualmente subordinada às exigências do desempenho.

Nesse contexto, talvez a questão central já não seja apenas compreender como as instituições educacionais organizam a infância, mas problematizar os efeitos produzidos quando praticamente toda experiência infantil passa a ser capturada por racionalidades orientadas pela eficiência, pela aceleração e pela performance. A escola contemporânea não administra apenas aprendizagens; ela participa da produção de formas específicas de existência, ensinando precocemente à infância que viver socialmente implica adaptar-se às temporalidades aceleradas da produtividade contemporânea.

Ao mesmo tempo, a expansão dos discursos especializados sobre desenvolvimento, rendimento e competências fortalece processos cada vez mais sofisticados de monitoramento da vida infantil. A infância passa a ser acompanhada,

avaliada e comparada desde os primeiros anos de vida, ampliando mecanismos de normalização que frequentemente reduzem a pluralidade das experiências infantis. O tempo da criança transforma-se em objeto permanente de gerenciamento institucional.

Todavia, problematizar esses processos não significa negar a importância da escola nem defender a ausência de práticas educativas. O desafio consiste em reconhecer os limites das lógicas contemporâneas que tendem a transformar a infância em espaço integralmente organizado pela lógica da produtividade. A questão talvez não resida simplesmente no excesso de atividades ou na intensificação da escolarização, mas na dificuldade crescente de sustentar experiências que escapem parcialmente às exigências do desempenho contínuo.

Ao longo do percurso desenvolvido neste livro, tornou-se evidente que a infância possui temporalidades próprias frequentemente incompatíveis com os ritmos acelerados da sociedade contemporânea. O brincar, a repetição, a curiosidade errante, a imaginação, a experiência corporal e a construção livre das culturas infantis exigem tempos que nem sempre podem ser plenamente submetidos às lógicas da eficiência. A infância não se constitui apenas por aquilo que produz, aprende ou desenvolve. Ela também se constrói naquilo que experiencia.

Talvez seja precisamente nesse ponto que a reflexão sobre o tempo infantil adquira sua dimensão mais profundamente política e filosófica. Controlar o tempo da infância significa participar diretamente da produção das formas pelas quais os sujeitos aprenderão a relacionar-se consigo mesmos, com o conhecimento, com o corpo e com o mundo. A administração institucional da infância não organiza apenas comportamentos imediatos; ela produz modos contemporâneos de existência.

Entretanto, mesmo diante da intensificação das racionalidades de controle, a infância continua produzindo experiências que escapam parcialmente à administração total da vida. O brincar gratuito, o improviso, a lentidão, a imaginação e as temporalidades não inteiramente subordinadas à produtividade ainda persistem como formas de abertura da experiência humana. Talvez seja justamente nessas brechas que permaneçam algumas das possibilidades mais significativas de resistência às lógicas contemporâneas de gerenciamento da existência.

Nesse sentido, pensar a educação contemporânea exige deslocar certas perguntas historicamente naturalizadas. Talvez o maior desafio contemporâneo já não seja apenas preparar melhor a infância para o futuro, antecipar competências ou intensificar resultados pedagógicos. A questão talvez seja outra: quais formas de humanidade ainda podem ser construídas quando a experiência infantil não é totalmente capturada pelas racionalidades da produtividade, da aceleração e do desempenho permanente?

Essa pergunta não busca oferecer respostas definitivas nem sustentar nostalgias em relação a uma infância idealizada. Seu objetivo consiste, antes, em provocar reflexão sobre os limites das lógicas contemporâneas que transformam praticamente toda experiência da vida em objeto de administração, rendimento e otimização. Em sociedades organizadas pela performance permanente, preservar espaços de experiência que escapem parcialmente ao controle talvez constitua uma das tarefas éticas e políticas mais urgentes da educação.

A infância ocupa lugar central nesse debate precisamente porque nela ainda persistem formas de relação com o tempo que desafiam, mesmo que provisoriamente, as exigências da produtividade absoluta. A criança continua produzindo interrupções,

demorando-se sobre aquilo que não possui utilidade imediata, inventando temporalidades próprias e habitando experiências que resistem parcialmente à lógica acelerada da contemporaneidade. Talvez a potência da infância resida justamente nessa capacidade de lembrar à sociedade que nem toda existência humana pode ser integralmente reduzida ao desempenho.

Mais do que defender modelos pedagógicos específicos, esta obra buscou problematizar as formas pelas quais a sociedade contemporânea vem produzindo determinadas experiências de infância. Em um contexto marcado pela aceleração crescente da vida, refletir sobre o tempo infantil significa também questionar quais modos de humanidade desejamos construir, quais experiências ainda consideramos dignas de serem vividas e quais espaços permanecem possíveis para existências menos subordinadas às racionalidades do controle permanente.

Talvez a educação contemporânea precise reaprender, antes de tudo, que formar uma criança não significa apenas prepará-la para adaptar-se ao futuro, mas também preservar sua possibilidade de experienciar o mundo para além das exigências incessantes da produtividade. Porque, quando a infância perde completamente o direito à experiência, talvez não seja apenas a criança que empobrece. Talvez seja a própria condição humana que começa, silenciosamente, a perder parte de sua capacidade de existir para além das racionalidades do desempenho contínuo.

REFERÊNCIAS

[1] ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

[2] BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

[3] CORSARO, William A. *Sociologia da infância*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

[4] FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

[5] FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

[6] HAN, Byung-Chul. *Sociedade da transparência*. Petrópolis: Vozes, 2017.

[7] HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

[8] KOHAN, Walter Omar. *Infância: entre educação e filosofia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

[9] KRAMER, Sonia. A infância e sua singularidade. In: BRASIL. *Ministério da Educação. Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade*. Brasília, DF: MEC, 2007. p. 13-23.

[10] LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

[11] SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade. In: *SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz (org.). Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação*. Porto: Asa, 2004. p. 9-34.

[12] VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault & a educação*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

@editorapoisson

www.poisson.com.br
contato@poisson.com.br

https://www.facebook.com/editorapoisson